

Estudos Anglo-Portugueses

Livro de Homenagem a Maria Leonor Machado de Sousa



Edições Colibri
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Centro de Estudos Anglo-Portugueses

DO CANHOTO DE VIAGEM À VISÃO ROMÂNTICA DO PAÍS:
JAMES MURPHY E A DIVULGAÇÃO
DO PATRIMÓNIO ARTÍSTICO PORTUGUÊS

Ana Rita Padeira Navarro
Universidade Aberta

Arquitecto e viajante em Portugal nos últimos anos do século XVIII, o irlandês James Murphy, de seu nome completo James Cavanah Murphy, deixou um testemunho do nosso país que vale a pena recordar. Da dimensão do seu trabalho ficaram três largos volumes que são, ainda hoje, de consulta aconselhada para quem pretenda inteirar-se de curiosidades e bagatelas, mas, também, da vida, dos costumes, da história e do património artístico da nossa terra na época em causa. A relativa variedade das suas obras, comparativamente às de outros viajantes de então, testemunha o empenho demonstrado em retratar pormenorizadamente o país que se lhe oferecia como objecto de estudo.

Diferentemente de outros contemporâneos, este viajante vem a Portugal com o propósito de fazer um estudo do Mosteiro da Batalha, encomendado por aquele que seria seu patrono, durante os dois primeiros anos da permanência em terras portuguesas, a saber, de finais de 1788 a 1790 – *Sir William Burton Conyngham*. Este mesmo estudo deu origem, mais tarde, a uma obra de carácter técnico, *Plans of Batalha*,¹ a única obra do género monográfico daquela época, sobre um monumento português, publicada em Londres, no ano de 1795. A importância de que se reveste, ainda hoje, e apesar de muitos conceitos e ideias terem sido já largamente ultrapassados, por força do longo período que de então para cá decorreu, advém, sobretudo, do facto de ter sido o primeiro trabalho surgido dentro do género, de entre nacionais e estrangeiros, de um dos nossos mais belos exemplares de arquitectura nacional: o Mosteiro da Batalha. A obra só viria a ter uma réplica aproximadamente cem anos mais tarde, no trabalho fotográfico do Visconde de Condeixa, publicado em edição bilingue (português e francês)².

Conyngham, também ele irlandês, dizíamos, havia visitado Portugal e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, em particular em 1783. A impressão que lhe terá

¹ *Plans, elevations sections and views of the Church of Batalha* [...], London, Printed for I. G. Taylor, 1795. A 2.ª edição saiu em 1836, em Londres, Library of Fine Arts. Por uma questão de comodidade, passaremos a designar a obra abreviadamente por *Plans of Batalha*..

² *O Mosteiro da Batalha em Portugal*, Lisboa, Paris, [1892].

Estudos Anglo-Portugueses – Livro de Homenagem a Maria Leonor Machado de Sousa, Lisboa, Edições Colibri, 2003, pp. 297-306.

ficado do monumento ficou registada em desenhos feitos pelo seu próprio punho, que levou consigo, no regresso a Inglaterra, e que Murphy viu e muito apreciou. Não se tratou por conseguinte de uma coincidência a deslocação do arquitecto a Portugal. O prefácio de *Plans of Batalha*, bem como a primeira carta³ que escreveu ao seu patrono, já do mosteiro, são bem elucidativos a esse respeito e acentuam a impressão forte deixada por aquele que, a partir de então, considerou ser o mais belo exemplar do gótico europeu. A simplicidade geral de uma estrutura com as dimensões da Batalha despertou verdadeira admiração em Murphy, cujo talento não ficou patente apenas nos desenhos que fez do monumento; o texto que os acompanha é, em certas passagens, também revelador de sensibilidade extrema, a qual caracterizou o artista enquanto viajante e, de certa forma, enquanto 'escritor de ocasião'.

Influuiu também na valorização do gótico o momento vivido em Inglaterra, iniciado no século XVII e designado por Revivalismo, o qual, como o próprio nome indica, fazia reviver ou renascer o gosto pelo gótico medieval. Na verdade, nenhuma outra forma de construção avivava tanto a impressão do sublime e certa violência dos sentidos. É opinião corrente, entre os entendidos no assunto⁴, que o livro de Murphy sobre a Batalha, com os seus desenhos cuidadosamente elaborados, exerceu influência determinante no Revivalismo daquele estilo em Inglaterra.

Como prova da amizade que existiu entre os dois irlandeses ficaram três cartas de Murphy escritas ao seu protector, inéditas, ainda hoje, contendo informações sobre o progresso do seu trabalho. Revelam a intenção que, já então, tinha de estudar outros monumentos do nosso património artístico, particularmente aqueles que se inscreviam no estilo que tanto o atraía, o gótico e, particularmente no caso português, o manuelino.

Ficou a dever-se a Castelo Branco Chaves a publicação de outras duas cartas do arquitecto que não deixam dúvidas quanto à segunda estada em Portugal, ocorrida muito provavelmente entre 1799 e 1802⁵. Através da sua leitura ficamos a saber que, após o sucesso com que haviam sido acolhidos os desenhos da Batalha, Murphy tinha vontade de embarcar num projecto de maior dimensão, que, aliás, lhe fora sugerido por uma instituição, em Londres, bastante credível e respeitada como era a Royal Society of Antiquaries. Trabalhando no projecto, havia já pelo menos dois anos, conforme as datas das cartas, 1801 e 1802, é fácil aceitar que os encargos envolvidos fossem incomportáveis para a sua bolsa. Ainda que desta segunda viagem não tenha resultado obra alguma, as duas cartas em causa testemunham precisamente os esforços diversos que fez no sentido de procurar o apoio tão necessário para a publicação da obra de grande dimensão que preparava, a qual compreendia o estudo dos nossos principais monumentos e obras de arte e que designou por "Inventário Artístico sobre Portugal".

³ Trata-se de uma série de três cartas de Murphy e dirigidas a Conyngham; são datadas de Março, Julho e Agosto de 1789 e foram entregues à Royal Society of Antiquaries em Londres, em 1830, por Thomas Crofton Croker. A primeira das quais é escrita da Batalha; as restantes, já de Lisboa.

⁴ *Catalogue of the drawings collection*, ed. By Jill Lever, London, 1968-84, art.º "Murphy - J. C."

⁵ Castelo Branco Chaves, *Murphy em Portugal: algumas achegas biográficas e duas cartas inéditas*, Porto, 1954. A primeira carta tem data de Novembro de 1801 e a outra de Fevereiro de 1802.

O projecto de realizar um inventário artístico sobre os monumentos principais do país fazia, pois, parte dos planos de James Murphy. Para os concretizar, sabemos que fez diversas tentativas com o intuito de obter financiamento para o projecto, procurando novo patrono, uma vez que, nessa altura, Conyngham havia já falecido.

Sabemos, através de indicações soltas dadas por outros viajantes, que no período acima referido, Murphy foi visto em Lisboa. Segundo essas fontes⁶, esteve inclusivamente ocupado, durante quatro meses, a desenhar o Mosteiro dos Jerónimos. Tudo leva a crer que as duas cartas referidas fossem dirigidas a D. João de Almeida Melo e Castro, que Murphy conheceu bem. Fora assinante de *Plans of Batalha* e foi a ele que dedicou a terceira obra que escreveu sobre Portugal⁷. É pois natural que, em 1802, quando pensava publicar o "Inventário Artístico sobre Portugal", e tendo já morrido o antigo patrono, se dirigisse a Melo e Castro. Não deixa de ser curioso que se o projecto tivesse vingado, Murphy teria sido autor do primeiro inventário artístico português.

Existe na Royal Society of Antiquaries, aqui já referida de passagem, um manuscrito que contém os desenhos originais do mosteiro da Batalha feitos pelo arquitecto em 1789, tal como lhe havia sido encomendado por Conyngham. O referido volume, de valor inestimável, foi oferecido à referida sociedade em 1830 por um conhecido editor da época, Thomas Crofton Croker. O seu valor é incalculável, como facilmente se pode depreender da simples observação dos desenhos, que são numerosos, a maioria dos quais feitos por Murphy, com instruções à margem dadas pelo próprio artista aos gravadores, tendo em vista a publicação da obra⁸. Pena é que o referido manuscrito não faça parte de algum fundo bibliográfico português, ou que integre algum espólio, público ou privado, de forma a que todos aqueles que se interessam pelo nosso património artístico pudessem ver os desenhos que enriqueceram aquele que foi, na verdade, o primeiro estudo da espécie sobre a Batalha.

Determinado em cumprir a missão de que fora incumbido, James Murphy desembarcou no Porto, em Dezembro de 1788, depois de sete dias de viagem, com o objectivo de logo prosseguir em direcção ao mosteiro, onde efectivamente veio a demorar-se cerca de treze semanas. No entanto, tendo gostado do nosso povo, segundo afirma, e do bom acolhimento que lhe foi dispensado, entusiasmou-se a prosseguir viagem. Prolongando a estada, acabou por percorrer o país até ao Alentejo. Da Batalha passou a Alcobaça e depois a Lisboa, onde viveu cerca de dez meses. Após a visita à capital do país, prosseguiu para Sul, deixando observações e descrições de cidades como Évora e Beja. Não temos conhecimento de que tenha estado no Algarve, talvez pela ausência de monumentalidade do património arquitectónico desta região.

⁶ Trata-se do testemunho de Cornide y Saavedra que, segundo se crê, foi um espião que esteve em Portugal entre 1799 e 1800. Foi autor de uma obra sobre Portugal, em 2 volumes. As cartas em que refere a permanência de Murphy em Belém estão publicadas em *Viajantes Espanhóis em Portugal [...]*, São Paulo, 1947, pp. 42-56.

⁷ *A General View of the state of Portugal [...]*, London, T. Cadell Jun. and W. Davies, 1798. A obra pode ser considerada um tipo de geografia descritiva, também muito em voga na época.

⁸ Muitas destas gravuras são de ordem técnica. Os desenhos apresentam-se em papel próprio, grosso e rugoso, tendo sido alguns deles executados a lápis; outros porém são aguarelados, de grande beleza.

É precisamente com a descrição do troço inicial do itinerário que começa *Viagens em Portugal*, obra que publicou em 1795⁹ e que resultou, *grosso modo* dos apontamentos tirados *en route*. Trata-se de um dos relatos mais conhecidos do século XVIII. Dele, bem como de todos os que integram o género da literatura de viagens de Setecentos (e também de Oitocentos) não deve dissociar-se a importante divulgação que fizeram do nosso país e da sua gente no resto da Europa, ao mesmo tempo que contribuíram para um enraizamento da nossa identidade nacional.

A tradução da obra para o francês e para o alemão possibilitou que um público mais alargado fruisse das informações nela contidas, no qual se incluem naturalmente os estrangeiros que nos visitaram depois da publicação da obra de James Murphy. *Viagens em Portugal* tornou-se, assim, um verdadeiro *vade-mecum* do viajante em Portugal, de consulta quase obrigatória, espécie de obra de referência e guia de viagem, à semelhança de outros já existentes e que conheceram também larga divulgação neste período. O manancial de informações que estes últimos particularmente encerram, reforça o carácter pragmático de tais obras.

O fenómeno inglês do *grand tour*, que começou a vulgarizar-se a partir do século XVII, e dentro de cujo espírito as viagens destes estrangeiros, em parte, se inscrevem, significava a primeira grande volta ao continente europeu que o jovem empreendia com intuito mais instrutivo do que propriamente de diversão. Tal fenómeno é, por si só, responsável pela explosão de inúmeros relatos e diários de viagem que marcaram também o século XVIII. O aparecimento, ainda na mesma época, de obras como a de Tobias Smollett, *Travels through France and Italy*, publicada em Londres, em 1766, e de Lawrence Stern, *A Sentimental Journey* [...], que veio a lume dois anos mais tarde, ambas baseadas em viagens feitas através da imaginação, abrem novos caminhos para um género de literatura, em que a opinião pessoal, cada vez mais intencionalmente, se vai sobrepondo à informação de carácter puramente utilitário. Trata-se de um dos sinais de que o Romantismo europeu se aproxima e, com ele, a necessidade de transmutação dos factos reais, por meio de subjectivismo e de sensibilidade fortes.

É bem verdade que certos nomes do Romantismo estão, portanto, associados não só às viagens, mas também à própria literatura que dela derivou; recordem-se tão somente Rousseau, Voltaire, Goethe e Byron, para não nos alongarmos mais.

Época de intensa actividade intelectual e de um sentimento de cosmopolitismo forte, o século XVIII foi a 'galinha dos ovos de ouro' para os viajantes, em geral, e os ingleses, em particular, que, valorizando a diferença, buscavam na Natureza o pitoresco, o belo e o sublime, entre outros aspectos. Foram na verdade os ingleses que descobriram a beleza do cenário do Reno, antes mesmo dos próprios alemães, e Sintra, o 'glorioso Éden' de Byron, antes dos portugueses. O homem romântico, contemporâneo das transformações industriais, identificando a cidade com a fonte dos desequilíbrios, procura reencontrar-se no seio da pureza adâmica da Natureza.

Típico relato de viagens, dizíamos, *Viagens em Portugal* evidencia-se, de entre a profusão de obras do mesmo género surgidas sensivelmente na mesma época, por

⁹ *Travels in Portugal, through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790: consisting of observations on manners, customs, trade, public buildings, arts, antiquities of the kingdom*, by James Murphy, architect. - London, Printed for A. Strahan and T. Cadell Jun. and W. Davies, 1795.

um forte sentido estético e artístico, que traduzem o gosto e as preferências do artista que Murphy foi. Como tal, o seu testemunho é orientado para a descrição de obras de arte, que prefere, com grande vantagem, a outros motivos, tais como a história, a cultura ou mesmo a literatura portuguesas.

Sem ser propriamente um romântico, mas preparando já o caminho para a visão romântica da viagem, James Murphy é um homem do seu tempo. Imbuído do espírito da época, fez um tipo de interpretação romântica da paisagem portuguesa, física e humana. Semelhante aspecto é outra particularidade que distingue a sua obra dos restantes relatos. A maneira de sentir é já ao jeito romântico. Por isso não detectamos nele o virtuosismo do escritor profissional, antes, porém, relativa simplicidade, da qual, aliás, não se envergonha, como confessa. Há em certos trechos da obra uma valorização do espontâneo e do pitoresco que remetem para essa mesma influência. Acrescente-se também um certo ideal humanitário e um espírito de fraternidade que estão presentes, quando refere, por exemplo, a actuação das Misericórdias e de outras instituições de caridade pública.

Sentindo um apelo forte pelo período medieval, numa verdadeira empatia que se estendeu a toda a Idade Média, uma espécie de fascínio do qual não conseguiram evadir-se, os Românticos sobrevalorizaram as manifestações artísticas do gótico. As agulhas e os pináculos, as ameias e os botaréis, de recorte quase lendário, excitavam a imaginação romântica, não raramente extravasada de forma até bem mais violenta e emotiva do que aquela que a escrita de um simples viajante, como Murphy, ilustra. Recordem-se as suas palavras:

"Na Batalha, pelas cinco horas, ao entardecer, quando o sol se põe do lado oposto à janela grande, a ocidente, o efeito dos vitrais é por demais encantador, [...] assemelhando-se a inúmeros feixes gloriosos que cintilam ao seu redor." (*Plans of Batalha*, p. 20, tradução nossa).

A paisagem entre Coimbra e Mealhada constitui outro excerto que denota já alguma sensibilidade romântica:

"O dia 27 de Janeiro ofereceu-nos a mais sublime paisagem que jamais encontrei. Alcançámos o cimo da montanha mais solitária destes sítios, ao amanhecer do dia, quando os fracos raios, cor de púrpura começavam a despontar no céu. Estes em breve se transformam numa fugaz faixa de luz, de tons amarelados que parecia espalhar-se como as chamas de um vulcão. A sua rápida expansão fez desaparecer instantaneamente a negrura e envolveu o horizonte de uma claridade gloriosa" (*Viagens em Portugal*, p. 41).¹⁰

O mesmo se passa entre Alcácer e Beja, onde o gozo pelos contrastes parece deprender-se das suas palavras:

¹⁰ Nas citações de *Travels in Portugal* recorremos à tradução de Castelo Branco Chaves, *Viagens em Portugal*, Lisboa, 1998. Optámos por manter sempre o título da obra em português, uma vez que, tendo sido a edição consultada, neste caso, é também a única que se encontra traduzida.

“Outubro 21 – esta manhã passei num sítio com a paisagem mais maravilhosa que um pintor poderia ambicionar. A sua grandeza selvagem, que inspiraria o lápis de um Salvator Rosa, consistia em penhascos e vales profundos por onde passava um rio [...] nada faltava a um artista exigente para transportar para a tela; até umas ruínas senhoriais.” (*Viagens em Portugal*, p. 242).

Não sabemos se o viajante observou efectivamente esta paisagem, que localiza no Alentejo, uma vez que as características desta província não correspondem exactamente ao que descreve. É provável que se tenha enganado e que a paisagem referida diga respeito à região de Setúbal. Se este era um apontamento que havia anotado no diário, como acreditamos que fosse, pode ter acontecido que a indicação da região a que correspondia não estivesse bem explícita originando o equívoco. Se, na verdade, não houve engano, então a descrição do Alentejo, que imediatamente se segue, afigura-se-nos contraditória. No mesmo dia 21 de Outubro, afirma ter chegado, à noite, a uma região que identifica como alentejana, completamente plana, por cultivar, inteiramente desabitada e cuja terra parecia nunca ter sido sequer lavrada.

São numerosas as alusões frequentes que faz a paisagens sublimes e a lugares pitorescos, como quando descreve em Sintra, por exemplo, o cenário que circunda o convento:

“É quase impossível, para quem habita um lugar destes não agir nem pensar de forma diferente [...] Os sons e a perspectiva que lhe são familiares levam-nos à meditação, [...] quando os murmúrios da chuva e o rugir da tempestade nos encham o espírito de uma doce tristeza. Para qualquer lado que volvamos o olhar, ele reflecte as grandiosas obras da Natureza. De um lado o mar distante cuja superfície se confunde com o horizonte azul; em baixo, o vale toma a aparência de uma enorme caverna [...]” (*Viagens em Portugal*, pp. 202-3),

ou, ainda, quando se sente particularmente impressionado pela patine de certas pedras do Mosteiro da Batalha. Eis a vista que presenciou do conjunto imponente, ao entardecer, e que denuncia, talvez, essa necessidade de reencontro com a Natureza:

“[...] a inesperada visão que àquela hora me ofereceu o sol declinante, apresentando-nos as torres doiradas pela luz amortecida dos raios solares que sobre elas incidiam. Era um aglomerado de espirais, ameias, botaréis e janelas onde havia sombras profundas. Juntava-se a isto a solidão siberiana do lugar e o venerável aspecto dos frades, de maneira que, no conjunto, se me ofereceu o espectáculo mais maravilhoso que até hoje me foi dado presenciar.” (*Viagens em Portugal*, p. 47).

O próprio viajante admite que o texto publicado excede largamente o do canhoto de viagens, isto é, os apontamentos que reuniu durante a viagem, o que não significa, antes pelo contrário, que tenha publicado tudo o que nele apontou¹¹.

¹¹ Muito embora não tenhamos conseguido encontrar o referido diário de viagem de Murphy a Portugal, o qual não se encontrando em Londres, nem na Royal Society of Antiquaries, nem no Royal Institute of British Architects, pode bem estar na posse de algum familiar, ou simplesmente ter desaparecido, sabemos contudo que existe e que terá circulado entre simples curiosos ou mesmo entre protagonistas das viagens peninsulares setecentistas.

Sabemos que algumas afirmações divergem substancialmente das opiniões que figuram no texto impresso, aspecto que, do nosso ponto de vista, revela um temperamento algo dúbio, para não dizer mesmo desconcertante e insólito.

Foi efectivamente na obra intitulada *The Tourist in Portugal*¹² que fomos encontrar alguns extractos desse diário de viagem de James Murphy. Pudemos deste modo comparar certas passagens com as equivalentes em *Viagens em Portugal* e verificar que havia alguma discrepância, não só quanto a conteúdos, mas até de comportamentos e atitudes do próprio autor. ‘Reconstituímos’ assim, apenas parcialmente, o diário do viajante a Portugal. Foi o conhecido editor da época, Crofton Croker, aqui já referido de passagem, quem, uma vez mais, facultou ao autor da obra acima identificada o acesso ao referido manuscrito¹³.

Do actual paradeiro do diário, pouco mais sabemos hoje, apenas que não chegou a ser publicado por aquele editor, ou por qualquer outro. Podemos também acrescentar que já em Fevereiro de 1830 o referido manuscrito lhe pertencia, tendo-lhe sido oferecido pelo então xerife de Cork, conforme explica em carta escrita à Sociedade dos Antiquários, quando procedia à oferta do volume manuscrito dos desenhos da Batalha. Desconhecemos a razão por que não incluiu nesta mesma oferta o diário da viagem, conservando assim reunido parte do espólio do autor. A razão que se afigura mais plausível para justificar tal omissão é ter eventualmente pensado em proceder à publicação das notas de viagem, o que seguramente não veio a acontecer.

Relativamente ao facto de os conteúdos, quer do diário, quer do texto publicado, divergirem parece não haver dúvidas. O mais célebre viajante alemão desta época, H. F. Link, menciona que Murphy havia dito mal do nosso país de forma exagerada. Ora, sabemos que as críticas do arquitecto são demasiado veladas e subtis, algumas vezes apenas irónicas, para que Link pudesse verdadeiramente ter-se apercebido delas, a não ser que tivesse tido acesso ao diário manuscrito, o que também não parece ser totalmente improvável, já que procurou conhecer todos os relatos de viagens sobre Portugal, até à data da publicação do seu¹⁴. A apreciação cheia de ironia e humor que Murphy faz da hospedaria onde pernitoou, antes de chegar à Batalha, ilustra alguma subtilidade de espírito:

“Já não fomos tão felizes no quarto de dormir, que era pela sua amplitude e vizinhança, compartimento mais apropriado para dança do que para o repouso. Estava situado por cima de uma cavaleriça, onde havia, pelo menos, umas vinte mulas, cada uma com sua guizalheira que durante toda a noite guizalhou no movimento que os animais faziam na disputa da palha. O tecto desta cocheira compunha-se de traves, sem cobertura, esburacadas aqui e além deixando aberturas com a forma de S como as dos tampos de uma guitarra, o que permitia que cada guizalhada chegasse distintamente aos meus ouvidos.” (*Viagens em Portugal*, p. 46).

¹² W. H. Harrison, *The Tourist in Portugal* [...], London, New York, 1839.

¹³ W. H. Harrison, *Op. Cit.*, prefácio, p. vi.

¹⁴ H. F. Link, *Travels in Portugal and through France and Spain*, Londres, 1801.

Como era procedimento comum os viajantes tirarem apontamentos durante as viagens que empreendiam, tivessem, ou não, o intuito de os publicar, depois de minimamente trabalhados, não é invulgar encontrar em muitos prefácios destas obras a explicação de que os autores não tinham intenção de publicá-las, chegando a pedir desculpa por eventuais falhas ou incorrecções, originadas por informações dadas em segunda mão. James Murphy não foge pois à regra quando afirma que, cedendo à pressão de amigos, preparou os apontamentos para o prelo, conforme explica no prefácio a *Viagens em Portugal*.

Inicialmente, supusemos que o diário manuscrito abrangia essencialmente a viagem que empreendeu do Porto à Batalha. A própria estrutura e organização do livro assim o confirma, com as inúmeras datas a assinalar os pontos do itinerário percorrido, ainda que do meio da obra em diante, se verifique que as referências cronológicas são cada vez mais raras. A razão de tal suposição prende-se também com o título dado ao terceiro capítulo do livro – “Diário da viagem de sete dias do Porto à Batalha”, o qual gerou alguma confusão, mesmo entre outros viajantes, no sentido em que foi tomado como sendo o próprio diário manuscrito, incluído no texto definitivo. No entanto, pela disparidade de alguns conteúdos, sabemos que se trata na verdade dois textos distintos e independentes¹⁵.

Se por um lado é verdade que existem vestígios dos apontamentos, que estão guardados no canhoto da viagem, em diversos trechos do livro, podemos, por outro, admitir, com base num depoimento da época, que houve partes do mesmo diário que não foram intencionalmente publicadas, para não ferir susceptibilidades, por certo. Murphy beneficiava de relações de amizade sólidas e vantajosas, com alguns portugueses, cuja posição social não era de menosprezar, tal era o caso de Frei Manuel do Cenáculo, na altura bispo de Beja, de cuja hospitalidade, aliás, usufruiu e de Melo e Castro, também já referido, para apenas mencionar os mais próximos.

Foi Boyd Alexander, na apresentação que fez da obra de William Beckford¹⁶, quem referiu especificamente a existência de trechos do diário manuscrito que não foram publicados, assinalando a aparente contradição de algumas das afirmações proferidas por James Murphy.

Apesar de ser católico, o arquitecto não deixa de tecer críticas mais ásperas acerca do tipo de vida de certas ordens e dos seus religiosos. É extremamente irónico e contundente o trecho do diário em que comenta a ociosidade em que viviam alguns elementos do clero regular e secular, sobretudo quando essa crítica visava atingir precisamente os Dominicanos da Batalha, os mesmos que o haviam acolhido com tanta hospitalidade, durante as treze semanas que por lá se demorou, e a quem, aliás, elogia, um tanto paradoxalmente, na introdução de *Plans of Batalha*. Qual terá sido a ideia que verdadeiramente guardou daqueles frades? O que apontou no canhoto de viagem:

¹⁵ A confusão gerada entre as diversas designações fica também a dever-se ao facto de existirem vários manuscritos de Murphy, como temos vindo a assinalar; além do referido diário de viagem, temos o volume dos desenhos da Batalha, as três cartas inéditas que o acompanham, um outro volume de desenhos que se encontra no Instituto dos Arquitectos em Londres, para além do esboço, que certamente também existe, do inventário artístico português.

¹⁶ *Recollections of an Excursion to the monasteries of Alcobaca and Batalha* [...], Fontwell, 1972, p. xxviii.

“Os frades não têm o que fazer a não ser comer e beber, passear ou dormir. O prior é um homem simples e vulgar, distinguindo-se dos restantes frades apenas por usar uma pequena capa preta e ter o privilégio de ter a cara suja. Faz pena ver homens assim bem constituídos levar uma vida de indolência e de preguiça, que poderia ser usada, ao invés, no cultivo das terras, na alimentação dos pobres e na defesa ou no enriquecimento do país”¹⁷.

Ou será antes esta a opinião de Murphy, ainda que antagónica relativamente ao que anteriormente citámos?

“Durante a minha estadia de três semanas [sic]¹⁸ nesta pacífica e hospitaleira abadia, fui alvo de todas as amabilidades e atenções de frades em todos os aspectos que as regras de sua ordem lho permitiam, [...] No seu modo de viver nada há a censurar mas muito existe digno de admiração e de servir de exemplo. Comem apenas duas vezes nas vinte e quatro horas, [...] A ração diária de cada um consta de dois pequenos pães, uma libra e meia de carne, a mesma quantidade de peixe, além de sopa, arroz, vinho e frutas. Uma grande parte destas rações são partilhadas com os pobres. [...] Reúnem-se todas as manhãs no inverno, ao nascer do dia; [...] O asseio, a vida regrada, a isenção de todos os interesses mundanos contribuem a conservar-lhes a saúde e dar-lhes faculdades invulgares na velhice avançada.” (*Viagens em Portugal*, p. 58).

Os paradoxos não ficam, no entanto, por aqui. Deve ainda acrescentar-se que na carta manuscrita que dirigiu a Conyngham, datada de Março de 1789, a primeira da série de três, já aqui referida, Murphy queixa-se da desconfiança dos frades deste mosteiro, acerca do motivo verdadeiro que o tinha trazido ali. Com receio de que o impedissem de realizar o trabalho, empregou todos os esforços para terminar o estudo do monumento, no mais breve espaço de tempo. Desenhando dia e noite, conseguiu fazer todos os planos e alçados, em apenas 22 dias. Como resultado, afirma ainda nessa mesma carta, ficou doente e, por conseguinte, à mercê da ignorância do médico que o tratou, a quem, aliás, não poupa críticas.

Desconhecem-se as razões da desconfiança relativamente aos frades, mas a verdade é que já outros viajantes¹⁹, que estiveram em Portugal antes de James Murphy, mencionaram o mesmo incidente. A explicação, segundo consta, estava no receio e na apreensão manifestados pelos Dominicanos, que julgavam que aqueles estrangeiros, recém-chegados, tinham vindo com o propósito de os reduzir para metade, já que era voz corrente que assim haveria de suceder.

Acreditamos, pois, que cada vez que Murphy refere uma data precisa, estabelecendo um paralelo com o itinerário percorrido, está a proceder de acordo com as indicações do diário manuscrito. Os cinco anos que separam esta primeira visita a

¹⁷ W. H. Harrison, *Op. Cit.*, pp. 142-3, trad. nossa.

¹⁸ Por lapso ocasional do autor, ou porque estivesse enganado no próprio diário de viagem, foram treze semanas o tempo que permaneceu na Batalha, e não três, como afirma. Na mesma página, pode inclusivamente ler-se que foram visitados no referido convento, a 19 de Março, por certo peregrino francês. Ora, nessa data, já Murphy se encontrava no mosteiro há, pelo menos, seis semanas.

¹⁹ Pensamos em G. Gorani, *Portugal, a corte e o país nos anos 1765 a 1767*, Lisboa, 1945, p. 119.

Portugal (e que não seria, todavia, a última) e a data de publicação da obra, não lhe permitiam, por certo, confiar tão simplesmente na sua memória. De outra forma, como poderia ter explicado, pormenorizadamente, que partiu para a Batalha a 23 de Janeiro de 1789, pernoitando na Estalagem dos Carvalhos²⁰; que prosseguiu a jornada, no dia seguinte, às cinco horas da manhã; que no dia 25, domingo, chegou a Albergaria-a-Velha; que no outro dia, saiu às seis da manhã e, atravessando o rio Vouga, avistou a Mealhada; que no dia 27, chegou a Coimbra às dez horas, tendo passeado na Baixa; ou que, ainda, a 28 de Janeiro, chegou a Condeixa e Pombal, passando em seguida por Leiria, onde assistiu a uma tourada, e que, finalmente, no outro dia, alcançou a tão esperada Batalha?

O facto de um trajecto tão curto ter merecido ao autor tanta atenção denuncia a intenção da deslocação de Murphy a Portugal. Partindo do princípio de que, nesta fase inicial, não tencionava ainda percorrer o resto do país, é compreensível que tenha anotado, a título de curiosidade, ou por simples rotina os incidentes e os pormenores da viagem que viveu *en route*. Só quando decidiu continuar para sul, mais tarde, terá enriquecido, então, o seu canhoto com novas páginas de anotações e de memória.

São pois diversos os trechos de *Viagens em Portugal* que testemunham como Murphy, enquanto viajante e arquitecto, sentiu a força da paisagem portuguesa, a cuja representação procedeu com sensibilidade, com emoção e com alguma 'simpatia', denunciando uma subjectividade própria, que já se revia na procura, ainda que de forma incipiente, do sublime e do pitoresco. A atenção que deu aos monumentos portugueses, de forma pioneira, mas sistematizada, e que mais sistematizada poderia ter sido, caso tivesse vingado o projecto do "Inventário Artístico de Portugal", a par da realização de *Plans of Batalha*, obra ainda hoje invulgar no contexto dos estudos do nosso património artístico, foram alguns dos motivos que nos levaram, hoje, passados que são mais de dois séculos sobre o acontecimento, a evocar o testemunho de James Murphy e a sua viagem a Portugal.

²⁰ Existe uma ilustração desta hospedaria que integra o conjunto das vinte e quatro gravuras que acompanham *Viagens em Portugal*. Estas enriquecem a obra consideravelmente.